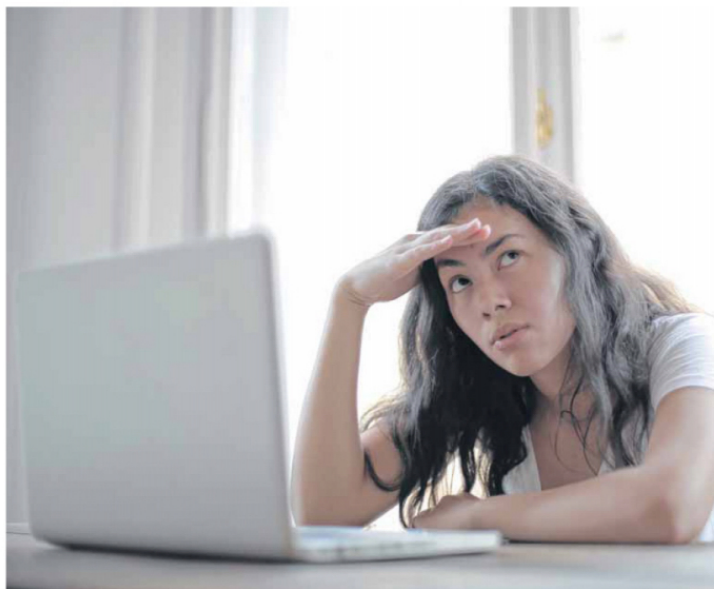


Zine

Número de jovens 'nem-nem' é preocupante



Andrea Piacquadio

No país, jovens que conseguem com muito custo se formar não veem aí uma garantia de emprego



Letícia Corrêa
Especial para o Zine

Um relatório recente da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) mostrou que um em cada 3 jovens brasileiros não está conseguindo estudar e nem trabalhar. Na faixa etária de 18 a 24 anos, 36% não estão inseridos no mercado de trabalho, nem matriculados em uma instituição de ensino. O Brasil é o segundo país no ranking da OCDE, atrás apenas da África do Sul. O índice impacta diretamente no desenvolvimento e geração de riqueza do país.

Outro levantamento divulgado no segundo semestre do ano passado pelo ID dados aponta que, até 2021, 12,3 milhões de jovens de 15 a 29 anos, equivalente a 30% dessa faixa etária, se enquadrava nos chamados "nem-nem". O número teve um salto significativo durante a pandemia e tem recuado após o fim do isolamento social, mas não voltou mais ao índice pré-covid-19, em 2019, quando o grupo representava 27,9% dos jovens de 15 até 29 anos. Porém, desde 2012, quando representavam 25%, o número está em crescimento.

Na visão dos especialistas, a crise enfrentada por esses jovens é reflexo de um longo período de recessão econômica, agravado com a pandemia, e do baixo investimento do Estado na educação e profissionalização desses jovens. O Brasil foi o país que manteve escolas fechadas por mais tempo durante a pandemia, o que influenciou diretamente na taxa de evasão escolar.

A pesquisadora do ID dados Ana Tereza Pires avalia que, além da questão econômica,

tem também o lado individual de cada um dos jovens. "A cada ano novos estudantes se formam e não conseguem ser absorvidos no mercado.

Terminar a faculdade numa fase de recessão pode ter reflexos para toda a vida profissional. Os que conseguem emprego podem ter salários mais achatados comparados a quem se forma durante a expansão econômica".

Essa foi a situação enfrentada pela engenheira civil Marcelly Duany, 27, que terminou a graduação na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) no início de 2020, no auge da crise econômica e sanitária. Após esse período, em 2021, veio a frustração pela dificuldade de conseguir um emprego na sua área de formação. "Quando consegui o primeiro emprego foi um choque de realidade. O salário era quase o salário mínimo, 44 horas semanais, muito longe da minha casa e a função não era bem definida. Com muita tristeza, pedi demissão, mesmo minha família sendo contra a minha decisão", conta.

A segunda experiência de emprego na área sendo uma profissional recém-formada foi parecida com a primeira. "Passei vários meses desempregada. Fiz várias entrevistas de emprego, mas além dos salários serem extremamente baixos, eu não atendia requisitos como possuir veículo próprio e cursos especializados. Quando consegui o emprego que estou hoje, foi por meio da indicação de um conhecido. Eu tento fazer o mesmo com meus colegas porque sei que não existem oportunidades suficientes para os recém-formados", afirma.

A mesma situação está sendo vivenciada pelo advogado Wesley Romano, 25, que se formou em Direito pela UFMT em agosto deste ano. "Estou buscando uma vaga no mercado desde junho. Infelizmente,

no meio jurídico a indicação conta muito e não são todos que conseguem uma vaga para assessoria. Estagiei em órgãos públicos desde o segundo ano de faculdade e entre os processos seletivos que fiz para escritórios de advocacia, inclusive para trainee, a experiência em escritório conta muito", conta.

Wesley acredita que, além das dificuldades do cenário atual, há uma falha das universidades em não prepararem os jovens para o mercado de trabalho. "Há uma preocupação muito grande com o meio acadêmico, direcionado para pesquisas, que é muito importante, mas não tem nenhum programa de direcionamento de carreira para aqueles que não querem seguir no meio acadêmico", aponta.

O jovem conta que tem sido complicado lidar com o sentimento de frustração. "Existe a expectativa das pessoas que investiram em você e esperam retorno. Tem dias que eu penso que todo o tempo e energia gastos para conseguir um diploma foi inútil. Sei que não é a realidade, mas a pressão interna de sentir que está decepcionando sua família é muito grande", conclui.

Para especialistas, o crescimento dos "nem-nem" significa perda de produtividade e de capital humano. Para Marcelo Neri, diretor do FGV Social, o Brasil teve na pandemia o maior contingente da história de jovens "nem-nem". Mas esse percentual deve cair pela metade até o final do século, resultado da demografia. Na avaliação dele, essa geração está sacrificando o presente e o futuro. "Logo, o futuro do país está comprometido pelo tratamento de baixa qualidade dado à juventude".

